



Representações sobre mulheres nos estádios de futebol

Gustavo Andrada
Bandeira¹
Fernando Seffner²

¹ Doutor em Educação pela UFRGS, técnico em assuntos educacionais da UFRGS. E-mail: gustavoabandeira@yahoo.com.br

² Doutor em Educação (UFRGS), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, coordenador do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero GEERGE. E-mail: fernandoseffner@gmail.com

Representations of women in football stadiums

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74098>

Resumo:

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dão, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que atuam nesse espaço. Neste trabalho, apresentamos representações sobre mulheres nos estádios de futebol. Como homens narram essa participação. Utilizamos falas da imprensa esportiva sobre a presença de mulheres no estádio e manifestação de torcedores quando da realização de uma etnografia na Arena do Grêmio. A maior presença de mulheres nos estádios de futebol acaba colocando algumas representações naturalizadas sobre gênero em questão.

Palavras-chave: gênero; representação; futebol; feminilidades; masculinidades.

Abstract:

Male legitimacy in football stadiums makes their practices appear out of question. These knowledge and legitimacy of the masculine place in the supporting practices in football fields, sports journalism and professional football also gives them the possibility of producing representations about the women who work at this space. In this work, we present representations about women in football fields. How men narrate this participation. We use sports press statements about the presence of women in the field as well as the manifestation of fans in the ethnography performed at the Grêmio Arena. The greater presence of women in football fields ends up placing some naturalized representations about the gender in question.

Keywords: gender; representation; football; femininity; masculinity.

Introdução

Os indivíduos que frequentam estádios são atravessados por diferentes narrativas sobre futebol e masculinidade em suas construções enquanto sujeitos torcedores. A produção de torcedores de futebol e de suas masculinidades acontece de forma simultânea e ordenada. Em determinados momentos é difícil saber se os conteúdos que estão postos em cena se referem às práticas do torcer ou a uma produção de identidade masculina. Se pensarmos nas representações mais tradicionais sobre o torcer, o mesmo parece não ocorrer quando pensamos nas mulheres torcedoras. Negadas, diminuídas e invisibilizadas, as feminilidades das torcedoras não parecem estar ‘em jogo’³ quando de sua presença nos estádios. Ao menos não da mesma forma como as masculinidades são colocadas em questão. Existe certo consenso de que os esportes, como os conhecemos, são um fenômeno próprio da modernidade (DAMO, 2005; ELIAS; DUNNING, 1992; FIENGO, 2003; GIULIANOTTI, 2010; MASCARENHAS, 2014). Os esportes modernos, seja em sua prática ou em sua fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. Nascido nas *public school* inglesas e com origem aristocrática, o futebol se converteu em uma prática multiclassista, transgeracional e, potencialmente, transgenérica (FIENGO, 2003). Apesar dessa potencialidade de ser uma prática para gêneros distintos, ainda existem hierarquias bastante marcadas com conteúdos específicos, abordando não apenas a predominância da masculinidade como representação legítima no espaço do futebol de espetáculo, como limitando as possibilidades de vivências dessa masculinidade.

A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

(...) os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o “músculo” como sua “utilização” moral, a exemplificação dos confrontos, a “luta” de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmago da excelência, ou seja, a virilidade (2013, p. 270).

O mesmo autor destaca que a virilidade perderia seu protagonismo quando, a partir da presença das mulheres no esporte, os mesmos atributos como força, coragem e determinação seriam valorizados e exigidos, também, para elas (VIGARELLO, 2013). A afirmação do autor permite fazer pequenos apontamentos sobre o conceito de gênero. Em primeiro lugar, o gênero não pode ser pensado como colado em corpos naturalmente distintos. Eventualmente, os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero em algumas direções. Apontamos duas possibilidades de tensionamento

³ Utilizamos aspas simples no texto quando procuramos fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparece quando utilizamos citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

em direções contrárias: a) poderia existir uma exigência de performance esportiva ou do torcer que desconsiderasse o corpo de homens e mulheres? Ao mesmo tempo em que permanece sendo uma das áreas que realiza a maior diferenciação entre homens e mulheres (como nas competições exclusivas e separadas), uma expectativa de performance idêntica poderia borrar as fronteiras de gênero?; b) as masculinidades poderiam ser tão protagonistas nas construções de representações esportivas que a expectativa de bom resultado deveria ser sempre associada às representações masculinas fazendo com que, em alguma medida, o esporte seja entendido como masculino, inclusive dispensando a necessidade dessa adjetivação? Com isso, sempre que o esporte, ou mesmo as práticas torcedoras, fosse adjetivado de feminino estaríamos falando de algo hierarquicamente inferior, reforçando as fronteiras existentes?

Para este trabalho, apresentamos representações sobre mulheres nos estádios de futebol. Como os homens narram essa participação. Depois dessa pequena introdução, apresentamos os modos de produção do material aqui analisado e nosso procedimento analítico. Após uma discussão sobre a relação entre gênero e esporte, utilizamos falas da imprensa esportiva, dirigentes e treinadores sobre a presença de mulheres no estádio, além de apontar manifestação de torcedores entrevistados quando da realização de uma etnografia na Arena do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Finalizamos o material empírico com uma passagem de machismo do treinador do Sport Club Internacional ao conceder uma entrevista, durante o Campeonato Brasileiro da série B, em 2017. O texto termina com breves considerações sobre o lugar de masculinidades e feminilidades na construção de hierarquias nas práticas do torcer nos estádios de futebol.

Modos de produção do material empírico e procedimento analítico

Para a produção do material empírico que compõe o *corpus* deste trabalho, realizamos diálogos com pequenos grupos de torcedores, quase sempre duplas ou trios, nos quais nos inseríamos para discutir algumas das percepções desses indivíduos sobre a mudança no exercício do torcer, especificamente para os torcedores do Grêmio que realizavam um trânsito entre o antigo estádio Olímpico⁴ para a Arena do Grêmio. Dentre os temas que pautaram nossas conversas estavam a tentativa de mapear como estes sujeitos entendiam o ‘caso Aranha’⁵, as memórias que possuíam sobre a torcida Coligay⁶, a rivalidade Gre-Nal e de que maneira recebiam as interdições de cânticos que estavam acontecendo nos estádios de futebol. Essas conversas foram realizadas, na maior parte das vezes, antes das

⁴ Estádio em que o Grêmio mandou seus jogos entre 1954 e 2013.

⁵ Durante partida pela Copa do Brasil de 2014, o, então, goleiro do Santos Futebol Clube foi chamado de macaco por torcedores do Grêmio. Além da punição que fez com que o clube gaúcho fosse eliminado da competição, uma série de restrições sobre o que os torcedores historicamente cantavam no estádio foi colocada (BANDEIRA; SEFFNER, 2016).

⁶ Grupo de torcedores homossexuais do Grêmio que praticava performances no estádio Olímpico entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980.

partidas. Estávamos sempre vestidos com uma camiseta do Grêmio, nos apresentávamos enquanto pesquisadores, apontávamos brevemente os assuntos que gostaríamos de conversar e solicitávamos registrar esse diálogo em um gravador.

Esses diálogos aconteciam enquanto realizávamos a inserção no campo para a realização de uma etnografia que incluíam, além das observações participantes, a construção de diários de campo. “A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 143). Acompanhamos, durante o período de um ano, de maneira sistemática, trinta e duas partidas do Grêmio pelos Campeonatos Brasileiro, de 2015 e de 2016, Copa do Brasil, de 2015, Campeonato Gaúcho, de 2016, Primeira Liga, de 2016 e Copa Libertadores da América, de 2016. Ao final desse período, totalizamos trinta e cinco diários de campo, que constituíram o material empírico desta investigação.

O futebol de espetáculo pode ser dividido em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados (DAMO, 2006). Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e envolvimento durante as partidas. Os dirigentes poderiam ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou às federações. Os mediadores especializados, por sua vez, são os profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Eles teriam a função de ‘explicar’ os eventos para o público que, de alguma forma, não seria ‘apto’ a lê-los sozinho. Neste trabalho, procuramos mostrar falas de mediadores especializados, profissionais e torcedores que colocam em jogo representações sobre as mulheres nos estádios de futebol.

Tomando o conceito de dispositivo de Michel Foucault⁷ e dialogando com o trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer ao propor o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, que ela define como um “modo muito concreto de formar, de constituir sujeitos sociais, através da prática cotidiana de consumir produtos televisivos” (1997, p. 71), seria possível supor a existência de um dispositivo pedagógico dos estádios de futebol que abarcaria esse heterogêneo conjunto de atores e narrativas constituindo uma discursividade sobre as práticas adequadas nos estádios de futebol, dentre as quais as de gênero.

O futebol é uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo. Na perspectiva teórica em que este trabalho se insere, as práticas culturais são entendidas como textos a serem analisados em sua materialidade. Para dar conta de nossas questões, tomamos a análise cultural como

⁷ (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (2004, p. 244).

procedimento analítico. Dagmar Estermann Meyer acredita que a análise cultural e a análise de discurso “permitem descrever e problematizar discursos que, imbricados, permitem aos sujeitos/instituições expressar-se de determinados modos e não de outros” (2012, p. 55). Análises culturais trabalham com interpretações de interpretações. Elas possuem um caráter histórico e provisório. Para Clifford Geertz, “a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (1989, p. 30-31).

Essas práticas culturais como as que acontecem nos estádios acabam fazendo circular diferentes representações de gênero e do torcer. É a partir dessas representações que dialogam com o circuito mais amplo da cultura que se autorizam a entender se uma prática torcedora, de masculinidade ou de feminilidade está sendo ‘adequadamente’ performatizada.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2004, p. 17).

No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais são as representações sobre as mulheres nos estádios de futebol, não nos interessou buscar descobrir o que os sujeitos quiseram dizer, mas sim, registrar o que eles disseram e em que contextos. Também não pareceu adequado pensar que só exista uma representação de feminilidade nos estádios de futebol. Como o significado da representação não consegue associar-se plenamente ao significante, ela (a representação) não pode ser lida como fixa, estável, determinada...

(...) a representação só adquire sentido por sua inserção numa cadeia diferencial de significantes. Ela é representação de alguma “coisa” não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa “coisa”, mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras “coisas” (SILVA, 2003, p. 41).

A análise cultural ganha maior relevância a partir de uma perspectiva que olha para a “centralidade da cultura” e para como esta articula diferentes pedagogias de produção de subjetividades.

(...) o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a “cultura” – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? (...). Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são

moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais (HALL, 1997, p. 40-41).

A produção dos conhecimentos ocorre através da linguagem. Conhecer não é descobrir ‘a realidade’, mas, descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é inequivocamente temporal, espacial e imersa em relações de poder. A linguagem não é de domínio de um sujeito soberano que a utiliza da maneira como deseja (HALL, 2006). Os sujeitos que participaram de nossas conversas não foram entendidos como a origem dos discursos.

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido (FISCHER, 2001, p. 207).

A aposta por esses diálogos, assim como pelos materiais produzidos pelos jornalistas com as falas de profissionais e dirigentes se deram a partir do entendimento que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiram acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas pelos diferentes atores e de que maneira as mulheres eram representadas desses diferentes lugares.

Gênero e suas relações com o esporte

Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade: “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). Gênero é um processo sem origem nem final, mas que se constrói em ato, ou melhor dito, em uma sequência de atos que está sempre ocorrendo. Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas⁸, “o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (2003, p. 48). Com isso, ser homem ou ser mulher é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’. É necessário ressaltar a diferenciação entre performatividade e performance. “Butler argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos (...), mas ela também argumenta que não existe um ator (...) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito” (SALIH, 2012, p. 65). Nesta perspectiva, a construção generificada deve ser entendida como

⁸ Ao invés de entender a identidade como descrição, o conceito de performatividade a entende como um “tornar-se”. Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados. Sobre o conceito, ver BUTLER, 2003.

(...) um processo contínuo de repetições que, ao mesmo tempo, anula a si mesmo (pois mostra a necessidade de repetir-se para substituir) e aprofunda suas regras. (...) assumir um gênero não é algo que, uma vez feito, estabiliza-se. Ao contrário, estamos diante de uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reafirmada (SAFATLE, 2015, p. 189).

O conceito de gênero aqui utilizado está ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (LOURO, 2004, MEYER, 2003). Nessa perspectiva, gênero não pode ser reduzido a qualquer aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural. Judith Butler (2009) argumenta que nem o gênero e nem a sexualidade são elementos que possuímos. Esses conceitos seriam mais bem entendidos como “um modo de despossessão”, sempre em uma relação com o outro. Os gêneros estão imbricados em processos pedagógicos que utilizam diferentes estratégias metodológicas, dentre as quais a reiteração e a repetição de práticas construídas, como culturalmente adequadas.

O conceito de gênero, na perspectiva dos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, aponta para quatro desdobramentos importantes (MEYER, 2003). O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essa construção não é um processo linear ou evolutivo de causa e efeito. Nenhuma ‘garantia’ de masculinidade ou feminilidade poderá ser obtida em qualquer local da cultura. Aprendemos, em diferentes instituições e artefatos culturais, formas adequadas de ‘exercer’ um gênero. Essas aprendizagens acontecem ao longo de nossas vidas.

O segundo desdobramento do conceito demonstra a diversidade de masculinidades e feminilidades variando em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. O conceito tem sua potência catalisada quando associado a outros marcadores sociais, como classe social, religião, raça/etnia, nacionalidade... (MEYER, 2003). É justamente essa variação das diversas masculinidades e feminilidades que permite colocar o olhar sobre as práticas torcedoras e as representações que se produzem sobre essas práticas.

A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. As construções de masculinidades possuem nas feminilidades o seu oposto, seu limite, sua fronteira. Pensar nas masculinidades de forma isolada não tende a ser muito produtivo. Mesmo que em determinados contextos exista uma preponderância de exigências e expectativas sobre comportamentos masculinos ou femininos, a principal fronteira nessas construções, da forma como nossa cultura se organiza, nesse momento, segue sendo o ‘polo oposto’ de gênero. Esse binarismo é uma relação infinita, com fronteiras movediças. Ele ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência. “Numa perspectiva pós-estruturalista, nossa tarefa seria perturbar a aparente solidez desse par binário, entender que esses dois elementos estão mutuamente implicados, dependem um do outro para se afirmar, supõem um ao outro” (LOURO, 2009, p. 89).

A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Elas são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam das produções de gênero (MEYER, 2003). Assim, “sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas” (SALIH, 2012, p. 21). Não existe um sujeito soberano e anterior que produza esses elementos a partir de concepções prévias: “nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (Ibidem).

Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados a masculinidades. Eles podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura.

(...) o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados (MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 167).

Diferentes elementos poderiam ser elencados para demonstrar como ocorre essa construção generificada. No Brasil, apenas o futebol jogado por homens possui público regular nos estádios. Para as mulheres, nem mesmo um calendário existe. As premiações dadas a homens e a mulheres também são muito diferentes no espaço dos esportes⁹. As práticas recebem ou não adjetivação a partir do sexo de seus praticantes. Os homens jogam futebol, enquanto as mulheres jogam futebol feminino. Um dos importantes exercícios das construções normativas é, justamente, essa invisibilidade tentando marcar (ou esconder) que ela não é uma posição ou perspectiva. “A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito” (SCOTT, 1995, p. 87). A falta de adjetivação aponta para a naturalização da prática do esporte realizado por homens. Geralmente, as adjetivações atribuídas aos homens acontecem quando eles não correspondem às representações viris da masculinidade esportiva.

Nos estádios de futebol, os sujeitos acabam sendo constituídos por uma série de elementos valorizados dentro da ‘cultura masculina’. Para Daniel Borrillo, “a competição, a forte apreensão relativamente à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem” (2010, p. 89). Na socialização masculina que ocorre nos estádios, muitos desses elementos

⁹ Em 2016, a Liga Mundial, torneio de voleibol masculino, distribuiu US\$ 1 milhão ao campeão. No mesmo ano, o Gran Prix, torneio de voleibol feminino equivalente ao masculino na hierarquia das competições, distribuiu US\$ 200 mil. Ambos os torneios contam com a organização da Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2016/07/titulo-do-gp-paga-5-vezes-menos-que-liga-mundial-sacanagem-diz-sheilla.html>. Acesso em 27/01/2017, às 9h37.

são considerados na hora de ‘avaliar’ os comportamentos constituídos como adequados. A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições. O que está em questão quando se aprende a jogar, ou mesmo a torcer, não são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados.

O público de futebol é predominantemente masculino. Entretanto, dentro do processo de modernização/elitização dos estádios existe certo investimento para que as mulheres passassem a frequentar mais esse espaço. As observações, de forma impressionista, nos permitem apontar que existe, sim, um aumento do número de mulheres nesse local¹⁰. Esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico. No contexto argentino, Verónica Moreira aponta que “muchas son las mujeres que asisten a la cancha para ver y alentar a su equipo, pero los estilos de participación se subordinan a las manifestaciones culturales netamente masculinas” (2005, p. 99). Reiteramos que isso não significa constituir esse contexto cultural específico como exclusivamente masculino, mas sim, destacar a preponderância discursiva dessas disputas entre masculinidades na construção do que pode ser lido como um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol (BANDEIRA, 2010). Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades. Um dos conteúdos que se disputam nos estádios de futebol é a masculinidade. O mesmo parece não ocorrer com as feminilidades. Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger nos lembram que “ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica” (2013, p. 180).

Como os homens representam as mulheres nos estádios de futebol

Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para homens. Eles são um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Através de distintas formas de socialização, os sujeitos que frequentam esses locais passam por diferentes processos pedagógicos. Os sujeitos torcedores que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Diferentes conteúdos nos estádios são didaticamente ensinados através de cânticos, xingamentos e performances que acabam produzindo uma lógica de atitudes

¹⁰ Em 2016, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação do professor César Augusto Barcellos Guazzelli, Camila Guterres Casses de Oliveira defendeu a dissertação de mestrado intitulada “Uma mudança nas arquibancadas: a elitização do futebol leva as mulheres aos estádios (Porto Alegre, 2007-2014)”.

indispensáveis para a apreciação estética dos eventos nesse ambiente. Ao mesmo tempo em que reforçam uma série de aprendizagens vinculadas ao masculino, os esportes, em geral, e o futebol, de forma específica, acabam sendo uma exigência para que um garoto seja ‘bem avaliado’ em sua performatividade masculina.

Esse cenário faz com que a participação das mulheres ainda seja tratada de forma bastante caricata, com representações bastante fixas sobre o que seria a feminilidade. Em 2008, o Internacional jogou no dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher) e realizou uma promoção que liberava as mulheres da compra de ingressos. Gustavo Bandeira aponta de que maneira os jornais de então se referiram a presença feminina no estádio:

Todos os jornais que comentaram aquele jogo enfatizaram a presença maciça da torcida feminina no Beira-Rio. Paulo Roberto Falcão, em *Zero Hora*, destacou em uma matéria intitulada *Perfume na arquibancada* que os repórteres no Beira-Rio apontavam um aroma diferenciado no estádio. O comentarista também destacou que a presença de mulheres e crianças poderia ser positiva para “civilizar” o comportamento nos estádios, em tempos de violência. Ruy Carlos Ostermann enfatizou o depoimento de um repórter que achou o estádio silencioso para um público de cinquenta mil pessoas. Hiltor Mombach do *Correio do Povo* destacou que o melhor do final de semana foi o público no Beira-Rio e a presença maciça das mulheres. Essa presença maciça de mulheres correspondeu, segundo o mesmo colunista, a vinte e seis por cento do público. Essa surpresa ajuda a demonstrar como a presença das mulheres, mesmo num percentual nem tão “maciço” assim (uma mulher para cada três homens) causa alguma admiração e ainda é entendido como incomum (2009, p. 93-94).

Nesse contexto as mulheres são perfumadas, civilizadas e silenciosas, características poucas vezes associadas aos torcedores de futebol. Observando o movimento nos estádios em 2015 e 2016, visualizamos uma presença constante de grupos exclusivamente de mulheres. Essa presença, entretanto, parecia ainda dialogar com um ambiente machista, atraindo uma série de olhares e assédios. Antes da partida contra o Coritiba Foot Ball Club, pelo Campeonato Brasileiro de 2015 observamos um desses grupos exclusivamente femininos acessando o estádio. Ao passarem por pequenos grupos de homens, era possível escutar manifestações machistas de toda a ordem, quase sempre vinculadas aos atributos físicos das torcedoras, que utilizavam a tática da ignorância em relação a essas manifestações (DC 6¹¹). Em outra partida pelo Campeonato Gaúcho de 2016, duas meninas de shorts receberam um “pelo amor de Deus” de um torcedor (DC 19). Ainda antes do início da partida diante do Esporte Clube Vitória, a árbitra assistente foi fazer a recorrente verificação da rede do gol próximo a Arquibancada Norte. Do espaço, predominantemente ocupado pela *Geral*¹², vieram assobios e comemorações (DC 30).

¹¹ Todas as notas realizadas e as manifestações dos torcedores compuseram diários de campo. Optamos por utilizar após cada um desses trechos a sigla DC, para diário de campo, e o número do respectivo diário.

¹² Principal torcida organizada ou de alento do Grêmio.

Situações que desvalorizam a participação de mulheres no futebol masculino podem ser identificadas nas falas de dirigentes de clubes. Depois de a árbitra assistente, então aspirante à FIFA, Fernanda Colombo Uliana marcar equivocadamente um impedimento contra o Cruzeiro Esporte Clube diante do rival Clube Atlético Mineiro durante o Campeonato Brasileiro de 2014, o então dirigente da equipe prejudicada, Alexandre Mattos, afirmou: “se ela é bonitinha que vá posar na Playboy. Não tem preparo, os caras gritam e ela erra¹³”. Ao reclamar do trio de arbitragem após empate diante do Internacional, na mesma competição em que o gol da equipe gaúcha foi marcado de forma irregular, o então vice de futebol do São Paulo Futebol Clube, Ataíde Gil Guerreiro, reclamou o que seria “muita incompetência para um trio de arbitragem só. Só salva a Nadine [Bastos], que é muito bonita¹⁴”.

Alguns torcedores entendiam que a maior presença masculina nos estádios seria algo natural pela preferência deste grupo aos esportes. Tiago¹⁵ disse, em relação a ele e seu amigo Matias: “*convidamos as duas esposas e elas não quiseram vir*” (DC 15). Matias argumentou que o futebol seria um esporte “*mais ao agrado dos homens do que das mulheres, claro percentuais. Têm muitas mulheres que gostam*” (DC 15). Alan comemorou o que ele chamou de retorno da mulher ao estádio de futebol, entendendo que a associação do futebol com os homens não deveria ser excludente, “*aqui tem uma coisa de que futebol é coisa de homem. Não é assim, não é assim mesmo*” (DC 13). Alan entendia que o estádio já foi um ambiente mais hostil às mulheres, dialogando, em alguma medida, com restrições mais amplas da sociedade, “*a coisa de futebol ser coisa de macho, de homem. Hoje a mulher já está mais entrosada, a mulher está mais liberal, ela se libertou, porque antes a mulher era muito mais, vamos dizer, submissas, então o futebol era o homem que ia, o homem, o filho*” (DC 13). Ele identificou uma série de campanhas nos meios de comunicação para aumentar a presença de mulheres no estádio, o que considerava ser bom. Ao mesmo tempo, a marcação de pertencimento de participação das mulheres é avaliada na relação com os homens, “*tem muita mulher aí que entende de futebol mais do que homens. Aquela guria da Band, a Renata Fan, ela dá um banho em muita gente*” (DC 13). Pedro, filho de Alan, acreditava que a aceitação da mulher no estádio de futebol estava melhor, “*as mulheres se fizeram presentes e isso ajudou bastante. Está se perdendo um pouco essa coisa de que futebol é coisa de homem, apesar de que ainda é muito, mas está perdendo essa...*” (DC 13). Ele acabou concluindo que as mulheres teriam alguns elementos particulares para participarem no espaço futebolístico, “*a mulher veio dar um toque mais sutil para o futebol que faltava*” (DC 13).

Outros torcedores conseguiam perceber a presença de um olhar machista nas interações dentro do estádio. Fábio, um torcedor de aproximadamente 50 anos, afirmou que

¹³ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2014/10/bandeirinha-punida-pela-beleza-segue-de-castigo-o-erro-sera-menos-tolerado-para-mim-4624059.html>. Acesso em 20/04/2017, às 8h45.

¹⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/11/diretor-do-sao-paulo-ataca-arbitro-e-cbf-e-muita-incompetencia.html>. Acesso em 20/04/2017, às 8h53.

¹⁵ Todos os nomes dos interlocutores foram alterados para a manutenção do anonimato.

¹⁶ As falas dos torcedores registradas com o gravador serão destacadas em itálico. Falas individuais que escutei durante as partidas ou nas demais observações serão destacadas com as aspas duplas, mas sem o itálico.

“uma menina passando de mini saia, a culpa de eu olhar para ela não é dela, a malícia que ocorrer sou eu que estou fazendo. Ela tem que andar de mini saia, é a liberdade dela” (DC 9). Arthur, irmão de Fábio, disse ir aos jogos com sua esposa e *“às vezes fico até com vergonha de olhar maliciosamente, é uma menina e a gente já tem filho na idade”* (DC 9). Por mais que os dois torcedores coloquem suas ações em suspeição, eles seguem *“olhando maliciosamente”* para as meninas. Questionados se ainda seria possível pensar no estádio de futebol como um local machista. Arthur afirmou categoricamente que *“ainda tem, isso ainda é mais forte”* (DC 9). Fábio entendia que a mulher *“até já está superior. Eu me policio, mas tem horas que o cara solta um palavrão, mas a gente nota que a mulher que está ali por perto não está nem aí”* (DC 9). Essa é outra interpretação recorrente que acaba marcando no corpo uma expectativa de comportamentos diferenciados. A presença de mulheres, que segundo os jornalistas em 2008 acrescentaria perfume às arquibancadas, também poderia reduzir o número de palavrões proferidos. O palavrão aparece como elemento moral colocado em questão com a presença de um número maior de mulheres nesse ambiente. Em outro diálogo, Anderson lembrou que no estádio Olímpico *“quando passava uma torcedora muito formosa era aquele cântico ‘i, i, i, essa fulana eu já cri’, aqui eu acho que essa é uma representação desse fenômeno”* (DC 30). Leonardo, pai de Anderson, disse que estamos em uma fase em que tudo é proibido, *“chamar alguém de negrão é proibido, falar que uma mulher é gostosa hoje é assédio sexual”* (DC 30).

Pensar no aumento da presença de mulheres no estádio não deveria igualar-se a uma maior feminização do mesmo. O conceito de gênero utilizado neste trabalho não limita suas articulações a relacionamentos face-a-face sobre corpos marcados e distinguidos pela biologia. Questionado sobre se acreditavam que o estádio de futebol poderia ser pensado como um ambiente machista, Lucas lembrou que já foi muito pior. Ele reforçou que hoje *“não pode entrar sem camisa, não pode colocar o pé assim, é que não é mais aquele ambiente que era antigamente que o cara ficava com um copo de plástico cheio de cerveja, a camiseta amarrava na cabeça, entrava uma mulher, (...) vinha o estádio abaixo”* (DC 35). Wender, amigo de Lucas, mesmo reconhecendo essa ampliação da presença de mulheres e, aparentemente, favorável a ela acabou citando uma definição que interpretamos como bastante atravessada por discursos machistas, *“tem uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher, é só vir no jogo do Grêmio, é só vir no jogo do Grêmio que é isso aí, olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa”* (DC 35).

Ao mesmo tempo, o aumento da presença das mulheres quando percebido pelos torcedores, provoca uma associação direta dessa frequência com a diminuição do machismo no futebol. Jackson disse que hoje o machismo é bem menor no estádio, atribuindo isso à maior presença de mulheres nas partidas, *“agora do nosso lado tem cinco mulheres e não era assim. No tempo que a gente ia no jogo era gritaria, palavrão o jogo inteiro, mijo e joga copo e fica quieto. Era outro ambiente”* (DC 11). Questionado se o estádio de futebol poderia ser pensado como um lugar machista, Ângelo associou sua resposta à presença mais elevada de mulheres, *“do Olímpico para cá vem bem mais mulher, as mulheres têm acompanhado*

mais aqui do que no Olímpico. Para mim, quer vir mulher, pode vir. O interessante é vir, torcer e o time ganhar quem quer vir, vem” (DC 12). Edimo apontava que a Arena “*passa mais segurança, em função da separação mais marcada dos setores e isso fica melhor para o pessoal escolher aonde quer sentar. Antes era mais um aglomerado de pessoas que ficava de pé lá e aqui ficou melhor”* (DC 13). Roger marcou que as mulheres estão participando, querendo olhar o jogo, “*tanto as mulheres solteiras quanto acompanhante do namorado”* (DC 33). Me parece interessante pensar se essas mesmas marcações poderiam ser feitas para os homens que frequentam o estádio. Seria necessário marcar que eles estão participando e/ou querendo olhar o jogo? Faria sentido pensar em torcedores solteiros ou que estivessem acompanhando suas namoradas?

Para além de jornalistas, dirigentes e torcedores, os profissionais do esporte também parecem possuir entendimentos bastante específicos sobre o gênero do futebol profissional mostrando o que seria ‘natural’ e o que poderia causar estranhamento. Em 2014, ao explicar uma discussão com o lateral Douglas, o então técnico do São Paulo, Muricy Ramalho justificou: “Aqui é jogo de homem, aqui não tem lugar para menina¹⁷”. O então treinador do Real Madrid Club de Fútbol, Carlo Ancelotti, ilustrava suas expectativas para a partida contra o rival Club Atlético de Madrid: “O Atlético tem um estilo próprio, com muita intensidade. Mas assim é o futebol. É um jogo para homens, não moças¹⁸”. O então treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, reclamou do “passe de mocinha” do lateral Raul durante um treinamento¹⁹. Essas construções de masculinidades e feminilidades são produtivas no sentido de construir significados que se tornam inteligíveis e elegíveis. Para os atletas, é um imperativo não jogarem como meninas, moças ou mocinhas.

No dia 18 de julho de 2017, após sua equipe vencer o Luverdense Esporte Clube, pelo Campeonato Brasileiro da série B, o, então, treinador do Internacional, Guto Ferreira, respondeu a pergunta de uma jornalista de maneira machista. A jornalista Kelly Costa perguntou se os erros dos atacantes do time aconteciam por problemas psicológicos ou técnicos. O treinador tinha como estratégia de resposta começar devolvendo uma pergunta aos jornalistas. Ele afirmou:

Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado [futebol], mas todo jogador que joga tem dificuldades de ter uma tensão a mais no lance final. Precisa acertar para ter confiança. Se você já jogou para perceber isso.²⁰

¹⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/02/muricy-sobre-bate-boca-com-douglas-aqui-nao-tem-lugar-para-menina.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h34.

¹⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/09/ancelotti-da-o-tom-para-classico-de-sabado-e-um-jogo-para-homens.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h39.

¹⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2015/05/felipao-da-pistas-sobre-time-e-bronca-em-jovem-lateral-passe-de-mocinha.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h42.

²⁰ Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/guto-ferreira-machista-ao-responder-reporter-apos-jogo-do-inter-mas-depois-se-desculpa-21605957.html>. Acesso em 11/02/2018, às 13h51.

Após uma enxurrada de críticas pelas redes sociais e de diversos colegas da jornalista, o, então, treinador do Internacional procurou diferentes meios de comunicação para desculpar-se. O jornalista Maurício Saraiva tentou ‘explicar’ a fala do treinador colorado:

Guto Ferreira gosta de mulher, é casado, não sei se tem filha, mas certamente não tem nada contra mulheres. (...). O mundo da bola ainda é assim. Muito homem junto, mulheres recém começando a ocupar a arquibancada e muitas ainda mais atentas ao bonitinho do que ao bom jogador. Também as mulheres estão na transição de gostar do futebol pelo futebol, capazes de ir ao futebol sem marido, amigo ou namorado. Então, todos em aprendizado.²¹

Novamente o jornalista separa o que seria ‘natural’ do que demandaria novos aprendizados. Ele acaba, também, reforçando o quadro heteronormativo do esporte. Não seria possível ir olhar o ‘bonitinho’ e o ‘bom jogador’. Para o jornalista, qual seria a possibilidade de que um torcedor fosse ao estádio para ver o jogador ‘bonitinho’?

Breves considerações

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. O saber aprendido passa por repetidos exercícios de naturalização fazendo com que esses aprendizados sejam tomados como dados e associados a todos os homens que ocupam esse espaço. Por estar naturalizado, se afirma que os homens conhecem as regras, entendem do jogo e têm as posturas adequadas para esse contexto.

Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dá, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que tentam atuar nesse espaço. A beleza feminina é naturalizada e poderá ser ‘positiva’ quando embeleza o estádio ou quando é a única coisa que ‘salva’ uma arbitragem ruim. O que se poderia dizer para um árbitro bonito que errasse uma marcação contra o nosso time?

Os conhecimentos femininos no futebol são marcados e hierarquizados na comparação com os homens. As mulheres que entendem de futebol, entendem tanto quanto eles ou ao menos quase tanto. Tomando a construção das masculinidades e feminilidades como complementares e não como polos opostos, uma maior legitimação da participação das mulheres poderia desestabilizar esse lugar naturalizado dos homens no futebol. Talvez essa possa ser uma chave explicativa para essas manifestações ainda bastante

²¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/blogs/especial-blog/vida-real/post/guto-e-mulheres.html>. Acesso em 11/02/2018, às 13h57.

atravessadas pelo machismo e por representações bastante fixas e tradicionais sobre mulheres, feminilidades e esporte.

Ao mesmo tempo, porém, uma maior participação das mulheres pode colocar em questão uma série de representações, desestabilizando as masculinidades dos torcedores, jornalistas e profissionais do futebol. Esse é um jogo que parece estar ainda em seu começo, mas parece que é bastante visível que elas virão jogá-lo! Quem será capaz de imaginar que as mulheres não tomarão para si a possibilidade de produzir discursos e representações sobre sua participação no contexto futebolístico?

Artigo recebido em 09 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. In: Revista Brasileira de Educação. V. 15, n. 44, maio/ago. 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”*: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol*. In: Movimento. Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./set., 2016.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. *Vida precária: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 133-166.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABACES, Pablo. (Comp.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em Educação*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOREIRA, Verónica. El Rojo y Newell's Old Boys, un sólo corazón. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidade entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da desposseção necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editores, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Gênero e Educação. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar. 2013.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 2004.